# "*ATÉ PODE TER, MAS NÃO PRECISA DEMONSTRAR OU ASSUMIR! NINGUÉM PRECISA SABER*!": DISCURSOS DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE AS MASCULINIDADES DO FUTEBOL"

GUSTAVO MARTINS DE ANDRADE
MARCO FRANCISCO COSTA VILLAS BÔAS
ELAINE ROMERO
**ERIK GIUSEPPE BARBOSA PEREIRA**

## Apontamentos iniciais

A literatura aponta que os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências (SAFFIOTI, 1987; SCOTT, 1995; LOURO, 1997 e 1999; CONNELL, 1995; ALMEIDA, 1996 e ALMEIDA, 2000; NOLASCO, 1993,1995 e 2001, entre outros). Na tentativa de reconstruir experiências excluídas, várias áreas do saber têm socializado o conhecimento produzido tendo em conta o gênero como categoria de análise. Na Educação Física, os estudos de gênero ainda estão em fase de construção, conforme revelou o resultado da pesquisa de Romero (2007). Os estudos de Knijnik e Machado (2008), Melo e Vaz (2008), Monteiro (2008) Pereira (2002; 2008; 2009a, 2009b e 2010) e Pereira e Romero (2004) corroboram com esta ideia. Reportando-nos às atividades físicas, a prática de exercícios físicos, no universo masculino, era vista como uma importante fonte de experiência da afirmação da masculinidade e a ser percebida como uma barreira contra a feminilização (MESSNER e SABO, 1990; SABO, 2002). Já no pensamento de Malysse (2002) fica clara a ideia de que os homens também buscavam, por meio da prática de exercícios, o embelezamento de seu corpo, com o aumento e delineamento de seus músculos. Contudo, estes sempre estiveram associados à ideia de força e domínio do corpo masculino. A partir do que foi exposto, procuramos resposta(s) para a seguinte indagação: Como se configuram os discursos de alunos do curso de Educação Física acerca da construção das masculinidades no futebol? O objetivo da pesquisa foi analisar os discursos dos graduandos em Educação Física sobre a construção das masculinidades no futebol.

## A trilha metodológica

A metodologia foi do tipo descritivo, de caráter etnográfico e natureza qualitativa. A amostra foi selecionada e os participantes foram 61 alunos, de ambos os sexos, de diferentes períodos, e todos matriculados na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Os instrumentos foram: um painel de fotos alusivas a jogadores de futebol, extraídas de sitio de acesso fácil do público e uma entrevista semi-estruturada, cujos dados reportaram-se à análise de discurso. Como procedimento de análise, na esteira de Lima (1994), passamos pelas seguintes etapas: 1- Descrição; 2- Redução fenomenológica; 3- Reorganização das unidades; 4- Interpretação fenomenológica. Apresentamos aos participantes o painel de fotos dispostas na figura que segue. Na seqüência, formulamos as perguntas da entrevista. Os resultados encontrados foram agrupados nas categorias: As atividades ditas masculinas *versus* atividades ditas femininas: um discurso sobre masculinidades



Figura 1. Painel de fotos exibido na entrevista (Fonte: http://edvaldosouzacouto.blogspot.com/2009_12_27_archive.html)

Desde tenra a infância, meninos e meninas dependem da mãe, necessitando do seu cuidado físico e emocional. Mas a sociedade patriarcal exige que o menino rompa muito cedo a físico e emocional. Mas a sociedade patriarcal exige que o menino rompa muito cedo a dependência físico e emocional com a mãe, afastando-se da genitora numa época em que ainda precisa muito dela. E para corresponder ao papel masculino que todos os amigos, vizinhos e familiares esperam dele, passa a vida inteira se esforçando para mostrar que é macho. No âmbito da Educação Física, são consideradas comuns e normais as atitudes, os comportamentos e até frases como *"homem não dança!", menino não chora!" e "vem cá se você é homem!".*

É possível afirmar que existe um projeto social diferente para homens e mulheres em quase todas as culturas, que modela o homem como desbravador, mais agressivo, combativo, forte fisicamente e racional. Há uma diferenciação na percepção do *Ser masculino*: o homem ou o menino deve jogar futebol, fazer jiu-jitsu e brincar de carrinho o carro. As meninas devem preferir o balé, as danças e brincar de bonecas. Um participante diante da pergunta: "Então vocês acham que no futebol não pode haver jogadores homossexuais?" destaca que "*Não, não é bem assim. Até pode ter, mas não precisa demonstrar ou assumir! Ninguém precisa saber*!". Podemos interpretar, então, que esses conceitos tão comuns em nosso cotidiano, expressam, na verdade, estereótipos sobre a masculinidade e feminilidade. Essas visões são heranças culturais transmitidas e reforçadas pela sociedade representados pela família, amigos, vizinhos e a própria escola. Nolasco (1993) demonstra as diferenças entre o homem e a mulher em lidar com os contornos das suas subjetividades. O processo de formação da identidade masculina é bastante complexo, dando-se de forma desigual e diferente daquele que ocorre com as mulheres. A identidade masculina se dá principalmente em termos negativos, ser homem é não ser mulher, é

rejeitar o que é feminino, o que contribuí também para a desvalorização social e cultural da mulher e para sua subordinação.

Assim construídas, as masculinidades socialmente exibidas apresentam-se como um mundo aparentemente desprovido de sentimentos, quando muito, subsiste a emoção a flor da pele, reação repentina ao estímulo emocional. Segundo Saffioti (1987) e Belotti (1985), para alguns homens, o poder social que é outorgado às masculinidades é fonte de sofrimento e alienação. Trata-se de homens que suprimem suas emoções, necessidades e possibilidades, tais como o prazer de cuidar dos outros, receptividade, a empatia e a compaixão, que são experimentados como inconsistentes com o poder masculino. A identidade masculina, nascida de uma renúncia ao feminino e não da afirmação do masculino, constrói-se e é vivenciada como algo tênue e frágil, que precisa ser constantemente reafirmado (NOLASCO, 1993 e 1995; MOTA, 2000 e ALMEIDA, 2000.). A identidade masculina não é linear, sofre modificações com a idade, a classe social, as relações de trabalho, as mudanças de status, a acumulação ou perda de prestígio. Em geral, pode-se dizer que a identidade masculina está sempre a ser construída e confirmada, ao passo que a feminina apresenta uma maior estabilidade, sendo reafirmada "naturalmente" pelas mulheres na gravidez e nos partos (SAFFIOTI, op.cit. e 2001). Para Almeida (2000) e Mota (op.cit.), as masculinidades apresentam-se como um conjunto de significados sempre mutantes, que construímos através de nossas relações com nós mesmos, com os outros e com nosso mundo. Para os autores, ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, relembrados em suma, em constante processo de construção. Assim como as feminilidades, as masculinidades ocupam um lugar na dimensão simbólica e nas relações sociais e institucionais. Connell (1995) assinala que as masculinidades, assim como as feminilidades são construídas socialmente, é histórica, mutável e relacional.

Os estudos sobre os homens e as masculinidades especialmente aqueles desenvolvidos a partir dos anos 90, têm trazido contribuição para os estudos de gênero ao apresentar a problemática do gênero do ponto de vista dos homens e ao explorar questões similares àquelas desenvolvidas pelos estudos feministas e homossexuais ao longo de quase três décadas, seguindo os mesmos passos teóricos e metodológicos dos estudos das mulheres (CUNHA JÚNIOR, 2000 e PEREIRA, 2009a, 2009b e 2010). Para o questionamento: “Então vocês acham natural acontecer esse tipo de comemoração?”, um entrevistado diz: “*Eu não!*” (moça) e continua “*Natural não é não, muita gente vai dizer que não, mas pode acontecer né?*”.

Na questão: “Se vocês tivessem algum ídolo envolvido nessas fotos, qual seria a reação de vocês?” Encontramos respostas como: “*Uma reação de indiferença..”; “É..”(outras alunas concordam); “do tipo.. não esperava!”; “poderia pensar assim.. eu não sabia disso, mas já que ele gosta, já que ele é assim.. ta bom!”*. Continuando na questão, alguns alunos confirmaram que seria "*Uma reação de indiferença..”; “É..”(outras alunas concordam); “do tipo.. não esperava!”; “poderia pensar assim.. eu não sabia disso, mas já que ele gosta, já que ele é assim.. ta bom!”. Um aluno nos afirma: “Nenhuma. Ah, sei lá! Porque a gente não espera”. Outro aluno continua: “Não existe não ter reação, a gente vai ter, positiva ou negativa, mas vai ter reação”.*

Percebemos nos discursos acima a existência de uma confusão conceitual. As masculinidades não se apresentam de modo uniforme, destacando-se a existência de padrões hegemônicos e outros subordinados a estes. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens, sendo assumidas de modo complexo por homens individuais. A hegemonia é uma forma de dominação em que o dominado participa da dominação. No campo de gênero, trata-se da capacidade de impor um definição específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde, na realidade, aquele que pode ser atribuído a muito poucos homens (CONNELL, 1995). O conceito de masculinidades hegemônicas permite uma concepção

mais dinâmica de masculinidades, entendida como uma estrutura de ralações sociais em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados. É fundamental apreender como são construídos em contextos culturais diversos os modelos dominantes, e que tipo de relação homens de diferentes estratos sociais vão estabelecer com este modelo. Há portanto, tantas masculinidades quanto hajam diferentes contextos de vida. As masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. As masculinidades são arquitetadas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homem com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.(PEREIRA; 2009a; 2009b e 2010).

**2- Futebol e o universo das masculinidades**

O futebol é uma paixão internacional, um fenômeno único no mundo. No Brasil, então, é indiscutível o fascínio exercido por este esporte, que assume um enorme espaço na nossa manifestação cultural. É o responsável pela ocupação de espaços imensuráveis na vida dos aficcionados e mesmo aqueles que não gostam não estão imunes. O futebol não se restringe aos estádios, mas também nos meios e comunicação, na rua, no bar, em casa e na do vizinho, há uma partida de alguma forma. Alcançou também este estudo, pois esse bate-papo não se restringiu apenas aos jogadores; se expandiu ao longo dos discursos dos participantes. Para DaMatta (1986 e 1987), o futebol aparece como um dos poucos itens que, trazidos pelos colonizadores, foi totalmente dominado pela nossa cultura. Da graça nasceu a ginga; da malandragem, o drible; da criatividade, o gol de bicicleta. Em um período em que havia a intenção de construir o conceito de nação, o esporte em geral e o futebol, em particular, emerge como importante elemento de unificação e mobilização das massas. Nas falas dos participantes, um "modelo" de esporte próprio para o homem brasileiro, segundo os entrevistados.

Na pergunta: “Vocês acompanham futebol?” Tem ídolos? O que vocês acham dessas fotos? Ouvimos: *“Que horror!”; “Nossa!”; “Agressivas”; “homossexuais” (risos); “não, não é não”; “Pô.. dois homens deitados se beijando..”; “bem provocativas”; “Aí viu.. eu não disse. Eu falei, eu falei..”; “Ali não!”; “Hum.. Eca!”.* Os ídolos citados foram *“David Beckham e Fabio Canavarro”.* Continuamos: “Já viram imagens dos ídolos em ações afetuosas mais delicadas?” ***“sim, passa direto!”*** Qual foi sua reação? [Reação de espanto ao ver a foto do jogador Buffon]. ***“É o Buffon?? Hã.. é o Buffon !!”; “o Buffon é viado.. sacanagem...***”(risos). Questionamos na possibilidade de seus ídolos serem vistos numa comemoração beijando ou sendo beijado e tivemos as seguintes respostas*: “Ser beijado aonde? No rosto, na boca*?”; “pode ter seus casos **..** (risos)” E desconfiados afirmam:*“sim, mas passa direto!”* No complemento da pergunta**: “**Qual foi sua reação? ***“Sei lá, acho que nada, normal eu acho”.*** Guedes (1986) acredita que o futebol opera como identidade nacional brasileira. Segundo a autora, o futebol é capaz de alastrar os veículos para o debate sobre as características do povo brasileiro. E também passa a ser o local mais adequado para ampliar o processo de construção e socialização do corpo masculino. Ao entendermos futebol como um ritual coletivo em que o culto a um determinado tipo de masculinidades hegemônicas é reconhecível, podemos inferir que essas masculinidades devem ser entendida não como um aspecto *a priori* da personalidade individual ou um dado biológico, mas como um sistema de representações coletivas, atributos, práticas e atitudes cultural e historicamente localizáveis (HELAL, 1997). Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Empregando o termo no plural, reconhecemos que masculinidades significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (CONNELL, 1995). A definição hegemônica de masculinidades

foi construída de maneira relacional e constituindo-se em um campo de poder, transformando outros *em* os outros, como um modo de limpar o espaço discursivo e prático em que homens angustiados pudessem demonstrar e provar a sua masculinidade.

### 3- Diferenças sociais *versus* diferenças sexuais





**Fig. 2- Foto de Ibrahimoic e Pique** (Fonte**:** http://edvaldosouzacouto.blogspot.com/2010_05_02_archive.html); **Fig. 3 Foto de Richarlyson** (Fonte: http://atitudes-otarias.blogspot.com/2010/07/falam-ainda-que-ele-nao-e-viado-mais.html)

Diante das fotos apresentadas as expressões foram: *"Isso é sacanagem, eles são gays!?; "Ah não!"(menina); "tem uns que nem percebem assim na hora"(menina); "que não percebe o que.."(menino); "é viadagem" (risos)*; Mal perguntamos sobre as imagens posteriores, os alunos já comentavam: *"Ah, esse ai é muito!" (rapaz);* Esse aí é o que? "*Esse aí é menina! Richarlyson" (rapaz); "menina..?" (*risos - moça). "*Olha o Richarlyson."*(risos); "*Ele é gay, ele é gay!"; "O Richarlyson é gay?"; "Óbvio! Ele é gay mesmo, mas não é pelo exercício não, é porque... sempre sai na mídia, que ele é gay, né!? Já ouvi falar que ele é gay mesmo*!".

As opiniões dos entrevistados levaram-nos a discutir o tema. Contudo, intrigou-nos o fato de o porquê de os participantes relacionar a atividade exposta com a homossexualidade? Sendo esta um ramo mais frequente nos estudos da sexualidade, das relações e representações de gênero, fica claro a importância de compreender a sexualidade no desenvolvimento da vida psíquica das pessoas. A sexualidade relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental do ser humano. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. É medido pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado (FRY, 1982). A sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio social, cultural e histórico. Nesse contexto as crianças recebem desde muito cedo, uma qualificação ou julgamento do mundo adulto, permeados de valores e crenças atribuídas à busca de prazer que estarão presentes em suas vidas. Nessa engrenagem, detectamos, manifestações associadas à sexualidade humana, cuja perspectiva de gênero está inevitavelmente ligada. Muitas vezes, foi atribuído à conotação de homossexual a conceitos e atitudes menos convencionais da forma de ser homem. Ela escapa aos estereótipos de gênero, tal como um menino ao praticar dança ser chamado de "boiola", "gay", "bicha" ou "mariquinha".

### As principais impressões

Verificamos nos discursos um certo desconforto quando o assunto foi as imagens exibidas. Nossas principais impressões apontam para a reprodução de estereótipos, preconceitos,

resistências e até mesmo novos valores e atitudes que enaltecem visões dominantes entre homens e mulheres na sociedade atual nas relações de gênero. Essa problemática reflete também no universo das práticas corporais, mais especificamente no curso universitário de Educação Física. Os dados evidenciaram a persistência determinante de normas, crenças, tabus, estereótipos e valores socioculturais que interferem na construção do corpo masculino. A pesquisa confirma que aspectos relacionados às "arquiteturas" das relações de gênero têm fundos socioculturais e históricas (SCOTT, 1995). Destarte, respondendo à questão norteadora da presente investigação somos levados a inferir que o futebol, ao que tudo indica, vem atuando como legitimador e reprodutor de uma ideologia hegemônica, patriarcal e machista, sedimentando o *status quo*.

**Referências**

ALMEIDA, M.I. **Masculino e feminino**: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, M. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG.** Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, p.29-38, 2000.

BELOTTI, E.. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

CONNELL. R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 184-206, jul./dez, 1995.

CUNHA JÚNIOR, C.F. **Gênero e história**: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e dança. Gramado, 2000. p. 396-400.

DaMATTA, R.. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

GUEDES, S. L. A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol. XX Encontro Anual da Anpocs, **ANAIS**. Caxambu, 1986.

HELAL, R.. **Passes e impasses***:* futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

KNIJNIK J. D. e MACHADO, A. A. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 137-150.

LIMA, L.A. Capoeira angola: lição de vida na civilização brasileira. In: BICUDO, M.A. e ESPOSITO, V.H (Orgs.): **Pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Ed. Unimep, 1994. p. 61-66.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7- 34.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG. M. (Org.). **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.

MELO, V.A. e VAZ, A. F. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidadades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p.117-135.

MESSNER, M.A. e SABO, D.F. (Eds). **Sports, men and gender order**: Critical feminist perspectives. Champain: Human Kinetics, 1990.

MONTEIRO, M. Corpo, biologia e masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidadades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 103-115.
MOTA, M.P. Gênero, sexualidade e masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa no contexto de uma experiência. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero-NUTEG**. Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, p.39-49, 2000.
NOLASCO, S **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
_____ A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In_____. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.
_____ **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
PEREIRA E.G.B. **A construção sociocultural do corpo masculino nos discursos de graduandos em Educação Física.** Rio de Janeiro, 202. 97p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) Universidade Castelo Branco; 2002.
_____. **A construção social das masculinidades na Educação Física infantil**. Asuncion, 2009b, 147f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano). Universidad Autonoma de Asuncion.
_____. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B. (Orgs) **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
_____ .Reflexões sobre práticas corporais, identidades e masculinidades. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, v. 1, p. 37-43, 2009a.
_____. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**. , v.2, p.74 - 78, 2010.
PEREIRA E.G B. e ROMERO, E. "... para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança". **Revista da Faced.** Faculdade de Educação da UFBA. n. 8 - Salvador, 2004. p 139-155.
ROMERO, E. Inventory of Brazilian Physical Education Gender Studies. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 77, n. 2, p. 658-661, 2007.
SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN & SILVESTRIN (Org.). **Gênero plural**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 33-46.
SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna, 1987.
_____ Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. **Cadernos Pagu**. 2001, n.16, p.115-136.
SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n.º2, p.71-99, jul./dez., 1995.